

RELIGIÃO: UMA VISÃO MERCADOLÓGICA DESFIGURANDO A IMAGEM VERDADEIRA DE DEUS

Sélcio de Souza Silva*

RESUMO

Neste ensaio discute-se a forte influência do espírito mercadológico invadindo o espaço religioso. Daí, por exemplo, o grande crescimento de movimentos religiosos no atual contexto de mundo globalizado e, porque não, secularizado. Nesse sentido, pretendemos, a partir da leitura prévia de Weber, Durkeim e, recentemente, Pierucci as trágicas conseqüências que as Instituições de Tradições Religiosas tem enfrentado e vão ter que enfrentar nesse terceiro milênio.

Palavras-chave: Religião; espírito mercadológico; movimentos religiosos; secularização.

O que fazemos, quando, na modernidade em que vivemos, o que se privilegia é a liberdade, a sensação de bem-estar, a racionalidade, motivados pela urbanização, pela tecnologia, pelo consumismo, pela democracia, pelo poder econômico e pela consciência da subjetividade da pessoa humana? Contexto em que o mercado e religião acabam fazendo um jogo de marketing e deus nada mais é que a própria razão mercadológica, cujos templos são os bancos, os *shopping-centers*, com suas romarias de adoradores e devotos. O poder do mercado relegou a religião para a esfera do intimismo e privacidade, características do individualismo. As pessoas fizeram da religião meramente “fetiche de desejo” ou “tábua de salvação”, destronando Deus do templo subjetivo da mente humana, e usurpando-lhe até mesmo o domingo, considerado como o dia do Senhor (*die Domini*), resultado do fenômeno secularismo.

*Sélcio de Souza Silva é mestre em Gestão Educacional

Na verdade, estamos contaminados pelo vírus da modernidade e, como garante Pierucci (1997), não temos como fugir dela, pois dela não podemos correr. A humanidade nunca presenciou, em tamanha proporção, o desemprego, o inchaço das cidades, a exclusão dos pobres, a violência, doenças sem soluções, drogas, alcoolismo, etc. Grupos fundamentalistas não se limitam mais a regiões específicas, mas pertencem a uma rede de conexões. Há o aumento da insegurança e do medo e grande insatisfação, paralelamente a um vazio existencial. Tudo isso forçou, de certa forma, a volta da religião, dos movimentos religiosos, que crescem aceleradamente, do misticismo, o que chamamos de “a volta do sagrado”, a volta da religião, conseqüência *sine qua non*, da lógica do mercado. Estamos na pós-modernidade? Depende da leitura que se faça de sobre pós-modernidade até porque há divergência de pensamento entre alguns estudiosos, pois nesses primeiros anos do século XXI ainda se discute se houve a passagem do paradigma da modernidade para um paradigma da pós-modernidade. Por outro lado, não há como negar o fato de que realmente vivemos num momento de transformações de valores, contextualizado pelo capitalismo avançado, de uma sociedade de consumo desenfreado.

Percebe-se que as pessoas querem Deus, mas não querem a Instituição religiosa, nem a vontade de Deus, nem muito menos cumprir os seus mandamentos. O discurso *fiat lux* de Deus passou a ser, no mundo atual, o *fiat lux* na voz humanizada do homem. Por outro lado, as pessoas querem um Deus, que a religião preenchem seus vazios, carências e necessidades. A religiosidade atual é mais busca de tranqüilidade e equilíbrio emocional que verdadeira fé. É uma religião mais terapêutica que ética. Todos estamos em busca de satisfação pessoal, da libertação do pânico, de segurança psicológica. A vida moderna desestabiliza as pessoas, deixando-as inseguras, desesperançosas, medrosas e angustiadas. Este é o momento propício para a volta da religiosidade, do pluralismo religioso, do misticismo. Estamos diante de um mercado variado de religiões das mais diversas. Podemos escolhê-las às nossas conveniências, pois queremos uma nova religiosidade, Religião sem Instituição, deveres ou compromissos. Igreja não. Religiosidade sim, compromisso não.

Nesse pluralismo religioso, temos o esoterismo, com seus gurus iluminados, que nos apresenta a razão, o conhecimento como Deus. A Nova Era, sob a direção dos astros, que apresentando-nos um mundo diferente. O pentecostalismo que sobressai pela cura das doenças e todos os males dos quais se oriundam os vícios. O espiritismo que se apresenta como a invocação da sorte para alguns e de feitiço para outros. As religiões orientais que são sinônimas de paz, harmonia, *relax* e satisfação. O catolicismo que, perdendo o espaço para outras religiões, tem se destacado através da Renovação Carismática Católica, situando-se no movimento pentecostal católico.

Estamos diante de um mercado religioso que, muitas vezes, não nos apresentam uma verdadeira conversão de pessoas, pois não se percebem, nesses grupos, a vivência comunitária ou uma verdadeira mudança de vida, de engajamento eclesial, de transformação social e libertação política, econômica, cultural e social fica difícil falarmos de Religião.

Em suma, respondermos à pergunta inicial parece-nos um pouco difícil, embora as maiores dificuldade sejam as ações necessárias de retomada evangelizadora dentro das estruturas, primeiramente, da Igreja Católica, como tentativas de resistência à cultura secular que nos fomenta modelos de vida sem Deus. Não adianta pregarmos uma nova evangelização com um novo ardor missionário sem, a priori, não existir *intra* Igreja, sejam-nos fieis-leigos da “Igreja Carismática”, os quais se disparam significativamente à frente do clero e religiosos, até mesmo dentre os demais movimentos e pastorais católicos. Por outro lado, conforme a irreversibilidade dos processos de globalização, nesse contexto de capitalismo avançado, sem a cooperação do Alto, não poderíamos nadar contra a correnteza, pois, a intervenção divina, em sua mais digna onipresença, fez, a partir do Vaticano II, em comunhão com a Igreja instituída, surgir no seio da sua Igreja, uma nova etapa de maturidade espiritual e porque não eclesial.

Dentre os movimentos religiosos que surgem, constantemente no mundo atual, o movimento da Renovação Carismática Católica trouxe à luz dos grandes teólogos, o significado que nos faltava, embora os textos bíblicos sempre nos instruísem. Faltava-nos o Espírito Santo com uma unção e efusão de seus carismas, assim como ocorrera no início da Igreja Primitiva, que pudessem, alimentando-nos a fé, fazermos-nos homens ousados e desbravadores de novos tempos difíceis que a Igreja há de passar. A providência divina fez brotar um movimento eclesial, dentro da Igreja que pudesse buscar a unidade tão sonhada de Cristo, em sua oração no *Getsemani*, contrariando toda a lógica dos movimentos atuais que buscam combater o tradicional, a tradição apostólica e dogmática de uma Igreja duomilenar.

Referência

PIERUCCI, Antônio Flávio. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: *Globalização e religião*. São Paulo: Vozes, 1999.